

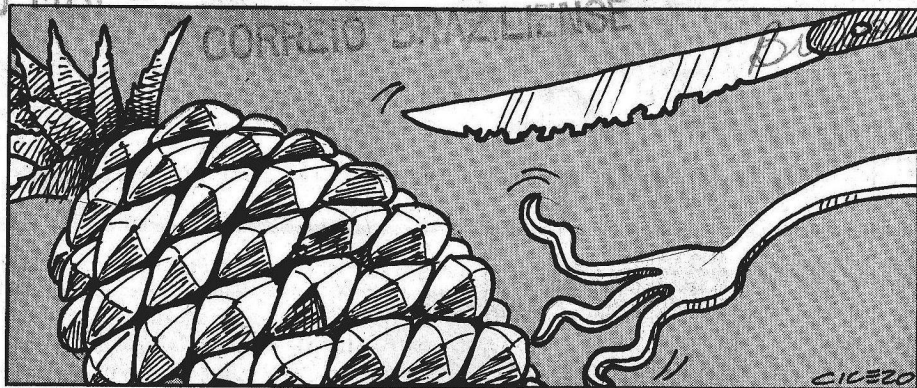
# A ministra, a mãe e o abacaxi

**Max Schrape**

O País se despede de mais um ministro da Economia e apresenta ao seu sucessor — como aliás a sua própria mãe já o advertiu —, um enorme abacaxi. Sai governo indireto, entra governo direto. Sai ministro teórico, entra ministro prático. E o abacaxi continua intocável em sua áspera casca. Os cenários brasileiros são sempre nebulosos, todos vivemos mergulhados em incertezas. A sociedade está, permanentemente, sob o medo da hiperinflação, do desemprego, da fome, da mais absoluta falta de perspectivas.

Em outras oportunidades, já lembramos o perigo de um país onde o cidadão perde a sua "vontade de crescer". Desiste de reagir, de lutar pelos valores que sustentam a integridade moral do ser humano. Esse será um país destinado ao caos, ao desaparecimento. As forças produtivas do Brasil, trabalhadores e empresários, estão à beira de abandonar a sua "vontade de crescer" e, hoje, não mais pelas conhecidas dificuldades do subdesenvolvimento. Agora, temos sido forçados a nos equilibrar na frágil linha que soma inflação e recessão — uma conta impossível para qualquer povo.

O Brasil precisa encarar com seriedade a questão econômica. Urge elaborar um programa a curto, médio e longo prazos. Entretanto, é preciso o Governo fazer o que diz. Não podemos mais suportar um policialesco congelamento de preços, essa distorção da realidade, um debochado rebo de não cumprimento das pro-



messas de livre mercado feitas pelo presidente Collor.

Quando no bojo do Plano Collor II surgiu o congelamento, já havia uma defasagem nos preços praticados pela indústria gráfica. Já se observava, em plena recessão, uma destrutiva concorrência de mercado. O Governo parece desconhecer o processo de mudanças pelo qual passa o mundo, atua insensível às transformações, sobe a rampa da ilusão convencido de que não promoveu um "tarifaço" — nocivo quer pelo aumento direto dos impostos, quer pela antecipação dos prazos de pagamentos. É preciso informar aos membros da equipe econômica que estão acontecendo correções nos preços das matérias-primas, graças ao cancelamento dos descontos que vinham sendo praticados sobre tabelas à vista, superdimensionadas quando do congelamento. Eles não sabem, ou aparentam ignorar, que os custos adicionais praticados pelos fornecedores de insumos básicos estão, a cada novo dia, se

afastando da realidade e se colocando superiores aos mais elevados custos financeiros do mercado. Isso, sem falar da mão-de-obra especializada que, sob pressão, tem conquistado aumentos reais.

Cabe alertar aos senhores da economia que só no setor gráfico a diminuição do volume de serviços, face à recessão, já atinge os 21 por cento em relação ao mesmo período do ano passado. A nossa indústria é a ponta do processo e, como tal, está impossibilitada de repassar os aumentos que lhe impõem os demais setores envolvidos. Caso não aconteça uma liberação responsável, rápida, a indústria gráfica estará afundando num preocupante abismo. Nessa situação, é como se o médico dissesse a um doente em fase terminal: "Não morra! Daqui a algum tempo será descoberta a cura para essa sua doença..."

■ Max Schrape é empresário, presidente do Sindigraf-SP e da Abigraf